

HENRI BERGSON: MÍSTICA E MÉTODO

HENRI BERGSON: MYSTICAL AND METHOD

KEYWORDS: INTUITION – MYSTICAL – METHOD

Catarina Rochamonte¹

RESUMO

Esse artigo analisa a relação que Bergson estabelece entre a experiência mística e o seu método da intuição, explorando as consequências do reconhecimento do valor da mística para a pesquisa filosófica. Para tanto, apresentaremos a tese bergsoniana de que a experiência mística prolonga a doutrina do *élan vital* na medida em que desvela o sentido da evolução, estabelecendo a relação entre criação e amor. Nossa pesquisa se insere no momento atual de renovação dos estudos sobre a última obra de Bergson *As duas fontes da moral e da religião* que, no presente texto, será analisada em sua relação com a outra obra clássica do autor, *A evolução criadora*. Dentre a fortuna crítica, apoiamos-nos naqueles comentadores que, de algum modo, tentaram esclarecer a relação entre esses dois livros, como é o caso de Frédéric Worms em seu livro *Bergson ou os dois sentidos da vida*. Esperamos, ao final do texto, ter deixado no leitor a impressão de que a obra de Bergson apresenta um esquema conceitual capaz de contribuir para o diálogo entre filosofia e religião e que desse diálogo advém a possibilidade de progresso da própria metafísica.

Palavras-chave: Intuição; mística; método

RÉSUMÉ

Cet article analyse la relation qui Bergson fait entre l'expérience mystique et sa méthode de l'intuition, en explorant les conséquences de la reconnaissance de la valeur de la mystique pour la recherche philosophique. À cette fin, nous allons présenter la théorie de Bergson que l'expérience mystique étend la doctrine de l'élan vital en ce qu'il révèle le sens de l'évolution, en établissant la relation entre la création et l'amour. Notre recherche se situe au moment de

¹ Doutoranda pela Universidade Federal de São Carlos (UFScar). Mestra em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail:

renouveau des études sur la dernière œuvre de Bergson, *Les deux sources de la morale et de la religion*. Ce texte sera analysé dans sa relation avec l'autre œuvre classique de l'auteur, *L'évolution créatrice*. Parmi les fortune critique, nous nous soutenons dans ces commentateurs qui, en quelque sorte, ont essayé de clarifier la relation entre ces deux livres, comme est le cas de Frédéric Worms à son livre *Bergson ou les deux sens de la vie*. Nous attendons, à la fin du texte, avoir laissé dans lecteur l'impression que le travail de Bergson présente un cadre conceptuel capable de contribuer au dialogue entre la philosophie et la religion et que ce dialogue est la possibilité de progrès de la métaphysique elle-même.

Mots-clés: Intuition; mystique; méthode

1 - INTRODUÇÃO

Bergson sustenta a tese de que a inteligência não opera naturalmente sobre o tempo real, isto é, sobre a duração, mas que é capaz de fazê-lo através de um esforço que reverta a sua inclinação natural. Esse esforço, contração ou tensão é o que ele chama de intuição, consciência imediata do fluxo da nossa vida interior passível de ser estendida para a consciência em geral por meio de uma simpatia com tudo que vive e dura. Tratar-se-ia, nesse caso, de uma intuição do vital, recuperação, pela consciência, do *elã* de vida que também está em nós, experiência cuja fundamentação reabilitaria a própria metafísica.

A fundamentação ontológica da intuição é feita na obra *A evolução criadora*, onde o instinto aparece como uma das linhas da evolução e como um tipo de “atividade psíquica” adaptada à vida, a intuição apresentando-se como esse mesmo instinto tornado desinteressado. Em carta a É. Borel, Bergson define o *Élan Vital* como “princípio de mudança²” do qual só se obtém uma aproximação por meio de esquemas de ordem psicológica. Ora, tal definição nos leva a pensar imediatamente na noção de duração e nas suas diferentes figurações, a exemplo da “multiplicidade qualitativa” apresentada no *Ensaio sobre os dados imediatos da consciência* ou na memória como “lembrança pura” presente em *Matéria e Memória*. Mas a “mudança pura, a duração real é coisa espiritual ou impregnada de espiritualidade. A intuição é o que atinge o espírito”³. Para Bergson, tratar-se-ia, pois, sempre do espírito e de um método que lhe seja adequado.

² “Isto que eu chamo élan vital [...] é um princípio de mudança bem mais que de conservação. Mas sobretudo é um princípio do qual não se obterá jamais uma aproximação se não for por esquemas de ordem psicológica.” (BERGSON, *Bergson a É. Borel*. In: *L'évolution créatrice*, p.603).

³ BERGSON, *La pensée et le mouvante*. In: *Oeuvres*, p.1274



2 - Desenvolvimento

2.1 - Metafísica, experiência e método

O método, para Bergson, é mais fundamental que a doutrina e está amalgamado em toda a sua obra, não podendo dela ser separado. Ao método está ligada a proposta bergsoniana de reformulação da metafísica que, por sua vez, precisa ser pensada a partir da diferença entre duração e espaço. É no espaço que irá atuar naturalmente todas as nossas faculdades e é na duração que a intuição deverá se colocar para construir a nova metafísica. A duração, porém, tem graus de intensidade e a filosofia graus de aprofundamento, daí que, longe de postular de saída um princípio ou uma unidade metafísica - como seriam, por exemplo, a substância de Spinoza, o eu de Fichte, o absoluto de Schelling, a ideia de Hegel ou a vontade de Schopenhauer – Bergson apenas inicie uma reflexão metodológica que reclama uma abordagem distinta, capaz de reaver o terreno próprio da metafísica sem que essa metafísica se confunda com uma cristalização conceitual. O método, portanto, vincula-se à experiência e a ela Bergson se mantém vinculado ao longo da sua obra. A tese final acerca da mística corrobora essa interpretação, pois a consideração da experiência mística possibilitará a Bergson uma revisão de seus próprios conceitos fazendo com que a intuição originalmente pensada como filosófica transforme-se ou prolongue-se em intuição mística.

Do primeiro ao último livro de Bergson, ecoa o apelo de um retorno à experiência, cuja incontornabilidade no âmbito da pesquisa é enfatizado até mesmo em *As duas fontes*: “Não há outra fonte de conhecimento além da experiência⁴”. A metafísica, porém, teria surgido justamente da negação da experiência quando os filósofos, deparando-se com a contradição da representação intelectual do movimento, optaram pelo que lhes sugeria a lógica e negaram o movimento:

⁴ BERGSON, *Les deux sources de la morale et de la religion*. p. 263



A metafísica data do dia em que Zenão de Eléia assinalou as contradições inerentes ao movimento e à mudança tal como a inteligência se os representa. Em superar, em contornar por um trabalho intelectual cada vez mais sutil essas dificuldades levantadas pela representação intelectual do movimento e da mudança foi gasta a maior parte da energia dos filósofos antigos e modernos. Foi assim que a metafísica foi levada a procurar a realidade das coisas acima do tempo, para além daquilo que se move e que muda, for a, por conseguinte, daquilo que nossos sentidos e nossa consciência percebem⁵.

Porque pairavam acima da realidade, esses sistemas de ideias não podiam ser confrontados por ela. Um sistema metafísico era confrontado não com a experiência, mas com outro sistema metafísico, também ele rigorosamente lógico, mas alicerçado em diferentes fundamentos, tornando-se um jogo de tudo ou nada do qual a experiência passava ao largo. Na modernidade, a ciência se fez presente, consolidando-se contra as pretensões metafísicas. Não percebera, porém, que suas conclusões foram forjadas por uma metafísica inconsciente e que os dados de que dispunha não as autorizava.⁶ Para Bergson, porém, a metafísica ou “é apenas esse jogo de ideias ou então, se é uma ocupação séria do espírito, é preciso que transcenda os conceitos para chegar à intuição⁷”

⁵ BERGSON. *O pensamento e o movente*. p. 10

⁶ “Você, cientista, sem dúvida pode defender essa tese, como o metafísico a defende; mas então quem fala já não é o cientista que existe em você, é o metafísico. Você está simplesmente nos devolvendo o que lhe emprestamos. Já conhecemos a doutrina que está nos trazendo: saiu de nossas oficinas; fomos nós filósofos, que a fabricamos; e é matéria velha, velhíssima. Nem por isso vale menos, com toda certeza; mas também nem por isso é melhor. Ofereça-a tal qual é, e não vá fazer passar por um resultado da ciência, por uma teoria modulada pelos fatos e capaz de remodelar-se por eles, uma doutrina que, antes mesmo da eclosão de nossa fisiologia e de nossa psicologia, pôde assumir a forma perfeita e definitiva pela qual se reconhece uma construção metafísica.” (BERGSON, *A energia espiritual*, p.41)

⁷ BERGSON. *O pensamento e o movente*. p. 195



Na medida em que pretende retomar a experiência, é de se esperar que a filosofia de Bergson seja atravessada pela crítica de todos os sistemas que, conscientemente ou não, subordinaram os fatos aos dogmas de suas teses preconcebidas. Assim, pode-se dizer que no *Ensaio* há um dismantelamento do associacionismo e a sugestão de um retorno à experiência do eu que dura; em *Matéria e Memória* há o retorno às patologias cujo estudo conduziram os cientistas da época a conclusões contrárias àquilo que a experiência do *Ensaio* proclamava; em *A evolução criadora* deu-se a tentativa de ler a evolução a partir dela mesma e não a partir das doutrinas pre-existentes como o materialismo, que conduzia à interpretação mecanicista e o espiritualismo, que conduzia à interpretação finalista. Finalmente, em *As duas fontes da moral e da religião* tentou-se perseguir a experiência absoluta dos místicos sem a capa protetora do dogmatismo religioso, o que possibilitou enxergar em tal experiência aquilo mesmo que o exame dos dados biológicos havia reclamado: uma experiência intuitiva, atravessada por uma potência psíquica capaz de exaltar o indivíduo e fazê-lo acolher em si o potencial evolutivo desperto.

Novamente, verifica-se a tomada de posição pela experiência, pois, de um lado os dados científicos fornecido pela biologia - seguidos de perto por aquela capacidade intuitiva de pensar em duração – apontaram para uma experiência supra-racional e, por outro lado, uma tradição dita mística a descrevia. O que coube ao filósofo foi juntar as pontas dessas duas faces da investigação, prolongando-as até o ponto de se tocarem, chegando, assim, à certeza:

Nós reconhecemos, entretanto, que a experiência mística, deixada a si mesma, não pode dar ao filósofo a certeza definitiva. Ela só seria totalmente convincente se este tivesse chegado por outra via, como a experiência sensível e o raciocínio baseado nela, a encarar como verosímil a existência de uma experiência privilegiada, pela qual o homem entraria em contato com um princípio transcendente. A descoberta, nos místicos, dessa experiência tal como se esperava, permitiria então reforçar os resultados adquiridos, ao passo que estes



resultados fariam recair sobre a experiência mística qualquer coisa de sua própria objetividade. [...] Falávamos outrora dessas “linhas de fato”, cada uma das quais fornece apenas a direção da verdade por não ir suficientemente longe: prolongando duas de entre elas até o ponto onde se cortam, chegaremos contudo à verdade mesma. O agrimensor mede a distância de um ponto inacessível visando-o alternadamente de dois pontos aos quais tem acesso. Consideramos que esse método de recorte é o único capaz de fazer avançar definitivamente a metafísica. [...] Ora acontece precisamente que o aprofundamento de uma certa ordem de problemas, muito diferentes do religioso, nos conduziu a conclusões que tornaram provável a existência de uma experiência mística. E por outro lado a experiência mística, estudada por si mesma, fornece-nos indicações capazes de se somarem aos ensinamentos obtidos num domínio completamente distinto⁸.

Pode-se dizer que, antes de focalizar seu interesse na mística, já havia, na obra de Bergson, um espaço aberto para a significação dessa experiência. Para além dos falsos problemas tradicionalmente enfrentados, o que a metafísica carecia era antes de uma experiência imediata que os dissipasse⁹. Ultrapassando a teoria e os limites de uma abordagem externa ao objeto, a experiência mística se apresenta como a vivência interna de um contato; mais precisamente, contato de um indivíduo com a força criadora da vida. Essa coincidência com a criação equivaleria nos místicos a um acompanhamento da força criadora através de uma sobrecarga na potência de agir; ação essa caracterizada não pelo interesse individual, mas pelo desinteresse de si em favor da humanidade, ação capaz de levar a solidariedade para além dos limites impostos pela

⁸ BERGSON, *Les deuz sources de la morale et de la religion*. p. 263-264

⁹ “Seria necessário apelar para uma experiência. Uma experiência depurada, quero dizer, apartada [...] dos quadros que a nossa inteligência constituiu na medida em que progredia na nossa ação sobre as coisas.” (BERGSON, *L'évolution créatrice*, p.362).



natureza¹⁰, o que caracterizaria, segundo Worms, a abertura como critério último do misticismo¹¹.

Baseada em uma substituição do percepto pelo conceito, a filosofia, construída no terreno da dialética, estaria fadada ao conflito entre sistemas, como já o diagnosticara Kant, caso não pudesse, de alguma forma, remontar à percepção em um esforço de intuição. Segundo Bergson, é possível uma dilatação, uma extensão, um alargamento ou aprofundamento da percepção capaz de dotar a filosofia da precisão de que ela carece quando permanece no domínio puramente conceitual. Tal possibilidade se efetivaria em homens “despreendidos”, nos quais a faculdade de perceber, desvinculada da faculdade de agir, tornar-se-ia uma visão privilegiada das coisas, visão esta que nos seria apresentada nas obras de arte. Uma vez constatada a possibilidade de uma percepção desvinculada da necessidade de ação, caberia à filosofia deslocar metodicamente a nossa atenção para essa percepção mais completa da realidade. Ainda, dado que se estabeleceu uma relação entre desinteresse e amplitude de percepção, caberia também ao filósofo interpretar o significado metafísico da ação desinteressada, tão característica das almas generosas e santas, auferindo assim um valor filosófico ao misticismo:

Ou eu me engano muito, ou os filósofos serão levados a atribuir uma importância cada vez mais considerável àquilo que os místicos escreveram ou, ao menos, ao que escreveram os maiores dentre eles, aqueles que tiveram uma visão direta das coisas espirituais. [...] sem um estudo aprofundado dos místicos, eu duvido que se possa dar conta da significação de certas noções morais, por exemplo¹²

¹⁰ “[...] almas privilegiadas surgiram que sentiram-se aparentadas a todas as outras almas e que, ao invés de permanecerem nos limites do grupo e de se limitarem à solidariedade estabelecida pela natureza se dirigiram à humanidade em geral em um elã de amor.”(BERGSON, *Le deux sources de la morale et de la religion*,. p.97).

¹¹ “[...]é o critério da abertura , isto é, de uma moral que se dirige à humanidade inteira e se opõe a todo fechamento, que permanece determinante. O que seguirá não é, absolutamente, justificável ou pensável sem esse critério. É ele que vai ancorar sempre o misticismo não somente no homem, mas na história, não somente na experiência, mas na ação. [...] É sempre seu alcance moral, sua abertura de princípio, que o define. Uma mística da força da exclusão, da guerra, é impensável ou, antes, contraditória aqui.” (WORMS, *Bergson ou os dois sentidos da vida*, p. 326-327).

¹² BERGSON, *Le deux sources de la morale et de la religion*, p. 587.



2.2 - Elã vital e experiência mística

A consideração dos fatos biológicos conduziu Bergson à concepção do *Elã vital* e de uma evolução criadora, permanecendo entretanto sem resposta questões acerca da origem, do sentido e do destino de suas manifestações. Os fatos biológicos considerados n' *A Evolução Criadora* não ofereceram essa resposta, mas indicaram o caminho para se chegar até ela. A resposta deveria vir das potencialidades intuitivas, do despertar, no homem, do outro modo de conhecimento no qual a energia lançada através da matéria se dividira. Nesse sentido, a *experiência mística* pode ser lida como um prolongamento possível da *intuição filosófica*:

Mas do mesmo modo que em torno do instinto animal subsistia uma franja de inteligência, assim também a inteligência humana se aureolava de intuição. Esta, no homem, se mantivera plenamente desinteressada e consciente, mas não passava de um clarão, e que não se projetava muito longe. É dela, entretanto, que viria a luz, caso o interior do elã vital, sua significação e sua destinação pudessem ser esclarecidas. Pois ela estaria virada para dentro; e se, por uma primeira intensificação, ela nos fazia apreender a continuidade da nossa vida interior, se a maior parte dentre nós não iria tão longe, uma intensificação superior a conduziria talvez até as raízes do nosso ser e daí até o princípio mesmo da vida em geral. A alma mística não teria justamente um tal privilégio?¹³

Não se trata absolutamente de ler o misticismo em função de um sistema de pensamento ou buscar dados que confirmem uma visão de mundo preestabelecida¹⁴.

¹³ BERGSON, *Le deux sources de la morale et de la religion*, p.265.

¹⁴ "Trata-se, nesse novo livro [*As duas fontes da moral e da religião*], de aplicar do exterior e de maneira, no fundo, dogmática, a filosofia da vida já consolidada no livro precedente ao problema da moral e da religião? Ou antes, o que mudaria tudo, trata-se de renovar a filosofia da vida de *Evolução criadora* (e através dela, talvez toda a filosofia de Bergson), através da *experiência* da moral e da religião? [...] *As duas fontes* mantém uma relação privilegiada, por assim dizer, com *A Evolução criadora*. Mas não se trata de aplicar uma filosofia da vida a um novo domínio que inversamente não a alteraria; ao contrário, trata-se de partir dessa experiência e de constatar que ela não nos reconduz à filosofia da



Não se trata de explicar o fenômeno moral e religioso pela evolução criadora, mas sim de explicar a evolução criadora pelo fenômeno moral e religioso, sendo a identificação entre energia criadora e amor a explicação do ato da criação e seus efeitos:

“[...] o plano de criação do próprio Deus precisou dar-se condições sucessivas e negativas de possibilidade: para haver o místico, foi preciso haver humanidade, para haver humanidade, foi preciso a vida, para haver a vida, foi preciso a matéria, o universo [...] Assim, se o amor revela a finalidade da criação, ele explica também seus limites [...] a criação, e sua interrupção [...] seus efeitos negativos e suas paradas, sua atividade e, no fundo, sua duração, mas também sua recaída e, no fundo, sua espacialidade. O amor, tal como o encontra o místico, explicaria pois a criação tal como a concebia Bergson.¹⁵”

De *A Evolução criadora* para *As duas fontes* passa-se da constatação da vida como criação para o desvelamento do sentido da vida. O que a consideração da experiência mística em *As duas fontes* acrescenta à consideração dos dados biológicos em *Evolução criadora* é a definição da energia criadora como amor:

Seres foram chamados à existência que eram destinados a amar e a serem amados, a energia criadora devendo se definir pelo amor. Distintos de Deus, que é essa energia mesma, eles só puderam surgir em um universo e foi por isso que o universo surgiu. Na porção do universo que é o nosso planeta [...] para que tais seres se produzissem, precisaram se constituir em espécie, e esta espécie necessitou de muitas outras que foram sua preparação, seu sustento ou seu dejetivo.¹⁶

O verdadeiro misticismo, sendo definido em sua relação com o *Élan vital*, é um fenômeno raro¹⁷, compreendido por Bergson como o transbordamento da energia

vida sem afetá-la em profundidade, confirmando-a, decerto, em sua estrutura de conjunto, mas modificando-a em sua significação mesma e, através dela, o conjunto da filosofia da qual era um ponto de equilíbrio.” (WORMS, *Bergson ou os dois sentidos da vida*, p. 290-291).

¹⁵ WORMS, *Bergson ou os dois sentidos da vida*, p. 358.

¹⁶ BERGSON, *Le deux sources de la morale et de la religion* p.273.

¹⁷ “Definindo-o pela sua relação com o élan vital, nós admitimos implicitamente que o verdadeiro misticismo era raro” (BERGSON, *Le deux sources de la morale et de la religion*,. p.225).



criadora em um indivíduo capaz de ir além do que é natural à espécie humana¹⁸. O misticismo ou a religião dinâmica seria uma retomada do processo evolutivo ou do esforço criador que estacionara na inteligência humana como se aí houvesse encontrado seu triunfo final. O homem seria portanto a razão de ser da vida na terra e o triunfo da evolução criadora; não por ser dotado de inteligência, mas por ser capaz de amar.

O místico seria misteriosamente insuflado pelo mesmo *Élan* cujo desenvolvimento resulta no interminável espetáculo da evolução¹⁹ e exprime a intensificação desse elã como sendo uma experiência de amor que se eleva de sua alma a Deus e retorna estendendo-se a toda a humanidade²⁰. O misticismo completo não seria, pois, apenas possibilidade de contemplação e êxtase, mas potência de ação capaz de levar a realizações extraordinárias. A experiência mística, ao manifestar o seu contato com a verdade sob a forma de amor à humanidade, ofereceria, ao filósofo que a considera, não apenas a explicação da fonte de toda moralidade, mas o segredo da criação, o sentido da evolução:

[...] bem diferente é o amor místico da humanidade [...] coincidindo com o amor de Deus por sua obra [...] ele entregaria o segredo da criação àquele que soubesse interrogá-lo. Ele é de essência metafísica ainda mais que moral. [...] sua direção é a mesma do *Élan* da vida; ele é esse *Élan* mesmo, comunicado integralmente aos homens privilegiados²¹ [...]

¹⁸ No comum dos homens, a inteligência permanece serva do instinto de conservação individual ou social, enquanto em alguns indivíduos excepcionais ela ultrapassa essa necessidade de sobrevivência ao mergulhar na fonte da potência fundamental que domina a vida. Essa potência seria o amor. A religião, enquanto produto da própria inteligência, tem como função básica salvaguardar a vida em sociedade, mas pode ir além dessa função primária. A natureza nos destina a uma sociedade (fechada), mas tal destinação natural pode ser ultrapassada pelo impulso moral advindo de fontes mais profundas que a mera pressão social. Essa fonte mais profunda seria o próprio princípio da vida. O *Élan vital* seria a fonte de toda moral e toda religião. Abaixo do plano da inteligência está a obrigação moral que, atuando com uma força comparável a do instinto, assegura a coesão e a ordem da sociedade. Acima do plano da inteligência está o apelo sobre-humano lançado às almas heróicas, cuja atuação renova a sociedade e faz nascerem novas ideias.

¹⁹ “Aos nossos olhos, o ponto de chegada do misticismo é uma tomada de contato, e por consequência uma coincidência parcial com o esforço criador que manifesta a vida” (BERGSON, *Le deux sources de la morale et de la religion*, p.233).

²⁰ “[...]pois o amor que o consome não é mais simplesmente o amor de um homem por Deus, é o amor de Deus por todos os homens. Através de Deus, por Deus, ele ama toda a humanidade com um divino amor” (BERGSON, *op. cit.*, p.247).

²¹ BERGSON, *Le deux sources de la morale et de la religion*, p.248-249.



A evolução seria vista então como um esforço de liberação que se realiza no homem, sendo a alegria o sinal de que a energia espiritual que evolui encontrou sua destinação²². Distinta do prazer, trata-se da alegria presente em toda criação, cujo apogeu é a ação generosa das almas místicas por onde atravessa sem obstáculos o *Élan vital* sob a forma de amor.

Mas se aceitarmos, como de fato aceitamos, que o desvelamento do sentido da criação como amor equivale a necessidade de expansão desse sentido, ou seja, se aceitarmos que a verdade transforma o sujeito a quem se doa; que o acesso à verdade ou ao sentido da criação equivale a uma transformação que leva à ação generosa, então não haveria entre intuição filosófica e intuição mística antes ruptura do que continuidade? Seríamos, pois, obrigados a rejeitar a hipótese da continuidade entre ambas? Ou ganharíamos mais se concebêssemos a filosofia também como um “cuidado de si” que prepararia o homem para a 'abertura” plena da moral, restabelecendo assim o vínculo perdido entre filosofia e espiritualidade?

No decorrer dos nossos estudos deparamo-nos com eminentes comentadores que trouxeram à baila a problemática que ora nos ocupa, qual seja, a tensão entre filosofia e espiritualidade na obra de Bergson, mais especificamente sob a perspectiva da complexa relação que se estabelece entre filosofia e mística. Dentre muitos, alguns autores nos chamaram bastante atenção. Primeiramente Anthonie Feneuil, por nos fazer notar que estaria em questão uma reinterpretação da intuição filosófica a partir dos resultados de *As duas fontes*, assim como a consequente redefinição do alcance e limite do próprio conhecimento filosófico.

Segundo Feneuil, o que a intuição mística põe de perturbador para o filósofo é uma lacuna entre o absoluto e sua própria consciência individual, ou seja, se a intuição filosófica era até então a possibilidade de apreensão do absoluto na sua imanência, o místico vem testemunhar uma relação primordial que antecede e constitui a própria

²² “Os filósofos que especularam sobre o significado da vida e sobre o destino do homem não observaram bem que a própria natureza se deu ao trabalho de informar-nos sobre isso: avisa-nos por meio de um sinal preciso que nossa destinação foi alcançada. Esse sinal é a alegria” (BERGSON, *A consciência e a vida* in *A energia espiritual*, p.22).



duração do eu: a emoção de amor que vem de Deus. O absoluto apareceria então para o filósofo irremediavelmente mediado devido à sua participação na mística²³.

Com a descoberta da duração no *Ensaio*, seguir-se-ia a descoberta do potencial de uma filosofia que pensaria em duração, isto é, que, ciente do fato de que a consciência humana deriva de uma consciência mais larga, desvelaria não apenas os dados imediatos da consciência individual, mas também o movimento pelo qual a vida teria criado a inteligência e a matéria²⁴. O aprofundamento dessa descoberta estaria, porém, em tensão, desde o seu início, pois a descoberta do potencial do esforço de intuição na resolução de problemas e na apreensão do absoluto se faria acompanhar desde o início da necessidade de apropriação dos conhecimentos exteriores²⁵. Em *As duas fontes*, porém, teria se modificado justamente esse modo de apropriação, pois “esse caminho de si em direção ao outro na filosofia, esta anexação dos dados exteriores só é agora possível por um *desvio*, pelo reconhecimento da primazia – para acessar o imediato por excelência, para acessar a identidade da consciência com o seu princípio – de uma experiência *não filosófica*.”²⁶

Em um dado momento, e no terreno de determinados problemas onde a filosofia é incapaz de ir sozinha, a intuição mística a substituiria. A intuição filosófica continuaria válida no que diz respeito à duração do eu e até mesmo das coisas, mas seria prolongada ou ultrapassada pela descoberta, através dos místicos, de uma transcendência que ela não pode alcançar. A resposta às questões da origem e do destino do homem já não seriam da alçada da intuição filosófica, mas da intuição mística, passando o filósofo, nesse momento, do plano de uma experiência de fato para uma experiência de direito, do papel de intérprete da própria experiência para o de intérprete de uma experiência que lhe está além. Tudo isso suscitou algumas objeções, como a de Étienne Gilson: “[...] a partir de então, ele [Bergson] precisaria

²³ FENEUIL, Anthony. *De l’immédiatement donné au “detour de l’expérience mystique”*. *Remarques sur l’unité de la méthode intuitive chez Bergson*. IN PHILÓSOPHOS, GOIÂNIA, V.17, N. 1, 32 P. 31-54, JAN./JUN. 2012. p. 49

²⁴ FENEUIL, Anthony. *De l’immédiatement donné au “detour de l’expérience mystique”*. p. 34-35

²⁵ “à medida em que a filosofia de Bergson descobre sua potência própria, potência de resolução de problemas e de apreensão do absoluto não apenas do eu, mas do mundo, ela descobre também a necessidade de se apropriar dos conhecimentos que lhe são exteriores. Estes são no *Ensaio* os dados da psicologia empírica, em *Matéria e memória* a psicopatologia, em *A evolução criadora* [...] os dados da biologia” (FENEUIL, Anthony. *De l’immédiatement donné au “detour de l’expérience mystique”*. p.35)

²⁶ *Idem*, p. 40-41



recorrer à experiência dos outros e falar de alguns fatos sobre os quais tinha ouvido falar.²⁷” A essa observação fez eco, mais recentemente, Camille de Belloy:

“[...] o filósofo se ocupa pela primeira vez de uma experiência que não é a sua, que ele não fez e que ele não está em condições de conhecer, a despeito do eco, da ressonância de simpatia que ela desperta nele. Não é portanto sobre esta experiência que ele vai poder trabalhar. Assim, ao invés de se colocar imediatamente, por uma dilatação do espírito, na coisa que ele estuda, como o queria a *Introdução à metafísica*, o filósofo será obrigado a permanecer no exterior e olhar seu objeto, o misticismo, como espectador.²⁸”

Para Camille de Belloy, o que está em questão, ao se levar em conta *As duas fontes da moral e da religião*, é a unidade e o sentido do pensamento de Bergson. Em artigo intitulado *Bergsonisme et christianisme. Les Deux Sources de la morale et de la religion au jugement des catholiques*, Belloy faz notar que Bergson não se debruçou sobre o cristianismo na sua última obra como sobre um objeto que teria tentado delimitar através de um método já definido, mas a mística cristã, com o seu vasto conjunto experimental seria, ela própria, um método²⁹. Bergson não teria, então, tentado apreender a verdade do cristianismo ao final de sua vida e com a ajuda de sua filosofia já completa, mas, ao contrário, teria encontrado em uma determinada tradição do cristianismo, a tradição mística, a possibilidade de aprofundar e talvez mesmo de completar a sua própria filosofia.

Além dos autores já citados, consideramos também a interpretação de Henri Gouhier, para quem a intuição mística seria, “supremamente dilatada, a intuição da

²⁷ GILSON, Étienne. *O filósofo e a teologia*. p.169

²⁸ BELLOY, Camille de. *Le philosophe et la théologie* In *Bergson et la religion. nouvelles perspectives sur Les deux sources de la morale et de la religion*. PUF, 2008, p.310

²⁹ BELLOY, Camille de. *Bergsonisme et christianisme. Les Deux Sources de la morale et de la religion au jugement des catholiques*. IN Vrin | *Revue des sciences philosophiques et théologiques*;2001/4 - TOME 85; pages 641 à 6; p.665



duração experimentada em seus diversos níveis na filosofia da natureza”³⁰ e Jean-Christophe Goddard, para quem é a “franja de intuição ou a unidade virtual de instinto e inteligência o que o místico fixa, intensifica e sobretudo completa em ação.”³¹

A interpretação da intuição mística como o último nível da intuição filosófica, como a plenitude da experiência outrora empreendida no âmbito da psicologia e da filosofia da natureza, embora pertinente, suscita a objeção de que o último grau da intuição bergsoniana dar-se-ia fora da filosofia, em uma experiência para a qual o filósofo não está apto. Por outro lado, importa considerar que a proposta final de Bergson é a ênfase na concessão de um valor filosófico à experiência mística e na sua agregação, como uma outra “linha de fato”, ao dados biológicos já considerados em *Evolução criadora*. Não se trata, para Bergson, de deixar a experiência mística por ela mesma, mas de utilizá-la como uma linha auxiliar de pesquisa que conduz o filósofo em direção à verdade³². Nessa perspectiva, a instrumentalização metódica da experiência mística e não a experiência mesma seria o objetivo da filosofia:

[...] A filosofia, com seus únicos recursos, quer dizer, com a experiência ajudada pelo raciocínio, não me parece poder ir mais longe, tão longe quanto o teólogo que se baseia na revelação e se endereça à fé. Entre a filosofia e a teologia há necessariamente, por esta razão, um intervalo. Mas me parece que eu reduzi esse intervalo introduzindo na filosofia, como método filosófico, a mística que até então tinha sido excluída³³.

Eu venho mostrar aos filósofos que existe uma certa experiência, dita mística, a qual eles, enquanto filósofos, devem apelar ou, pelo menos, levar em conta. [...] Se eu

³⁰ GOUHIER, H. *Bergson et le christ des évangiles*, p.108

³¹ GODDARD, Jean-Christophe. *Fonction fabulatrice et faculté visionnaire. Le spectre de l'élan vital dans Les deux sources*. In *Bergson et la religion. nouvelles perspectives sur Les deux sources de la morale et de la religion*. PUF, 2008, p.106)

³² BERGSON. *Le deux sources de la morale et de la religion*, p.263

³³ BERGSON. *Extrait d'une lettre a Blaise Romeyer*. Apud. Dossier Critique *Les deux sources*, p.623



trago, nessas páginas, algo de novo, é isto: eu tento introduzir a mística na filosofia como procedimento de pesquisa filosófica³⁴

3 - Considerações finais

Todos os intérpretes acima referidos sugerem a importância incontornável do estudo da última obra de Bergson para compreensão integral da sua filosofia, ressaltando sempre o aspecto metodológico de seu pensamento. Em acordo com isso, optamos por ler *As duas fontes* com a confiança de que ali se encontra não um filósofo que se contradiz nos aspectos mais elementares da aplicação de um método pelo qual primou durante toda a vida, mas que, pelo contrário, resulta ali a culminância de um método aplicado à perfeição e que, renovado pelo seu próprio êxito, lança nova luz à totalidade da obra.

Compreender a importância concedida por Bergson à mística é compreender a concepção bergsoniana acerca das potencialidades e limites da própria filosofia. Mas não é tarefa fácil. Acreditamos ser possível interpretar a experiência mística, a partir de Bergson, tanto como prolongamento último da intuição filosófica quanto como o “auxiliar” do método de pesquisa filosófico³⁵.

Haveria, no nosso entender, uma dupla apropriação, por parte de Bergson, da experiência mística, podendo essa duplicidade ser remetida à oscilação do sentido de intuição na sua obra, tomada ora como uma experiência imediata da vida interior, ora como um método mediado pela crítica, pelos dados da ciência, pela junção das chamadas “linhas de fato” e pelas “diferenciações de natureza”. De acordo com isso, a experiência mística seria o momento mais elevado da filosofia quando a intuição

³⁴ BERGSON apud WATERLOT, *L'ellipse: une difficulté majeure du troisième chapitre de Deux Sources*. In: *Lire Bergson*, p.188.

³⁵ “Il suffirait de prendre le mysticisme à état pur, dégagé des visions, des allégories, des formules théologique par laquelle il s'exprime, pour en faire un auxiliaire puissant de la recherche philosophique” (BERGSON, *Les deux Sources de la morale et de la religion*. p. 266)



filosófica fosse considerada um esforço de introspecção e seria um mero “auxiliar” da filosofia quando a intuição filosófica fosse considerada um método de pesquisa.

No primeiro caso, a filosofia desembocaria em um saber não teórico e profundamente transformador, a tal ponto que impele à ação, mais especificamente à ação amorosa e caritativa. O *Elã místico* seria uma intensificação do *Elã vital*, porém essa intensificação corresponderia a uma ruptura ilustrada na distância que separa o filósofo do santo ou do verdadeiro místico. O último grau da intuição bergsoniana dar-se-ia fora da filosofia, fato passível de ser interpretado como a aceitação, por parte de Bergson, de uma limitação que lhe seja intrínseca, não apenas enquanto tentativa de expressão conceitual (limitação a que chama atenção em toda a sua obra), mas também enquanto tentativa de apreensão do absoluto.

No segundo caso, a suposta falência da filosofia seria mitigada, na medida em que o procedimento que lhe compete seria propriamente metódico. A filosofia estaria sempre limitada a um conhecimento teórico e exprimível, porém indireto, mediado e possivelmente pouco transformador ou meramente intelectual.

Em um caso, teríamos a intuição como um tipo experiência cuja completude ultrapassaria paradoxalmente o esforço filosófico. No outro caso, teríamos a intuição como esforço intelectual cuja completude se daria internamente, dentro dos limites próprios da filosofia. A concessão de privilégio a uma dada perspectiva de significação da intuição (enquanto experiência psicológica ou método de pesquisa) se refletiria, portanto, na interpretação da experiência mística e conseqüentemente no sentido concedido à atividade filosófica. Acreditamos que não seja sem importância destacar da intuição bergsoniana também essa dimensão da experiência psicológica, pois, como bem coloca Jean-Louis Vieillard Baron: "a filosofia não é somente um trabalho de reflexão puramente intelectual, embora também não seja unicamente um trabalho sobre si mesmo"³⁶

³⁶ BARON, Jean-Louis Vieillard. *continuité et discontinuité de l'oeuvre de Bergson*. in *Annales Bergsoniennes I*, p.284



REFERÊNCIAS

BELLOY, Camille de. **Bergsonisme et christianisme. Les Deux Sources de la morale et de la religion au jugement des catholiques.** IN Vrin | *Revue des sciences philosophiques et théologique*;2001/4 - TOME 85.

BERGSON, Henri. **Oeuvres.** Textes annotés par André Robinet et introduction par Henri Gouhier. 6^a ed. Édition du centenaire. Paris: Presses Universitaires de France, 2001.

_____. **A energia espiritual.** Trad. Rosemary Costhek Abílio. SP: WMF Martins Fontes, 2009.

_____. **L'évolution créatrice.** 11^a ed; Paris: Quadrige/PUF, 2008.

_____. **Les deux sources de la morale et de la religion.** 10. ed. Paris: Quadrige/PUF, 2008

_____. **O pensamento e o movente;** Tradução Bento Prado Neto. - São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FENEUIL, Anthony. **De l'immédiatement donné au "detour de l'expérience mystique. Remarques sur l'unité de la méthode intuitive chez Bergson.** IN PHILÓSOPHOS, GOIÂNIA, V.17, N. 1, 32 P. 31-54, jan./jun. 2012.

TREVISAN, Murilo Rubens. **O valor filosófico do misticismo. São João da cruz: aproximações bergsonianas.** In Síntese, Belo Horizonte, v.30, n 96, 2003: 65-83.

WATERLOT, Ghislain (org.). **Bergson et la religion. Nouvelles perspectives sur Les Deux Sources de la morale et de la religion.** Paris: Puf, 2008

WORMS, Frédéric. **Bergson ou os dois sentidos da vida.** Trad. Aristóteles Angheben Predebon. São Paulo: editora Unifesp, 2010

_____.(org.) **Annales Bergsoniennes I Bergson dans le siècle.** Paris: Puf, 2002.

